

As Ordens Terceiras do Carmo em Minas Gerais: Devoção e Iconografia (Séculos XVIII/XIX)

The Third Orders of Carmo in Minas Gerais: Devotion and Iconography (18th/19th centuries)



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v14i1.3303>

Rosana de Figueiredo Angelo¹

Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professora de História da Arte Universidade do Estado de Minas Gerais
rosanafangelo@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0001-6099-659X>

Recebido em: 06/06/2021 – Aceito em 27/07/2021

Resumo: Este artigo busca apresentar alguns aspectos do repertório iconográfico carmelita e destacar a importância dessa devoção na capitania de Minas Gerais expressa nos templos edificadas pelas Ordens Terceiras do Carmo, em especial na Vila Real de Sabará, durante o século XVIII a meados do século XIX.

Palavras-chave: Arte Mineira Colonial; Iconografia; Devoção; Ordem Terceira do Carmo; Sabará.

Abstract: This article seeks to present some aspects regarding the Carmelite iconographic repertoire and highlight the importance of this devotion in the captaincy of Minas Gerais expressed in the temples built by the Third Orders of Carmo, especially in Vila Real de Sabará, during the 18th to the mid-19th century.

Key words: Minas Colonial Art; Iconography; Devotion; Third Order of Carmo; Sabara.

Introdução

As Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo surgiram nos principais centros urbanos da Capitania das Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII. Essas associações leigas distinguiram-se das Irmandades, em vários aspectos fundamentais. Estavam atreladas ao convento carmelita do Rio de Janeiro, de onde vinha a confirmação de seus Estatutos², que eram inspecionados periodicamente por um provincial proveniente dessa sede; deveriam respeitar o calendário festivo e religioso da Ordem Primeira; adotavam as regras conventuais, excetuando-se a dos votos de castidade e de clausura; seus membros jejuavam com frequência; a seleção de Irmãos era muito rigorosa sendo, portanto, mais intolerantes às trocas culturais; o valor dos anuais era bem mais alto que o das irmandades; seguiam o repertório iconográfico das ordens primeiras e segundas; possuíam um culto mais disciplinado já que, durante onze meses, eram obrigados a passar pela experiência do noviciado, semanalmente, para aprender os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola³, além de exercerem atividades que colocavam à prova a humildade, como a limpeza da Casa do Noviciado,

¹Este artigo trata-se de uma versão adaptada do capítulo Devoção e Iconografia da minha dissertação de mestrado apresentada, em 1999, ao departamento de História da UFMG intitulada "A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações Artísticas e as Cerimônias da Semana Santa (Século XVIII a meados do século XIX)". Esse trabalho foi orientado pela profa Dra Adalgisa Arantes Campos a quem deixo expressos os meus agradecimentos.

²Os Estatutos ou leis que regem uma Irmandade ou Ordem Terceira (Compromisso) são divididos em vários capítulos, cada um dedicado a um tema específico referente às normas daquela associação. Eles são necessários "para o governo dos homens, que julgou Platão que sem ellas (as leis) se não distinguirão das feras". Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Sabará (OTCS), Compromisso, Século XVIII.

³LOYOLA, 1990. A primeira edição dos Exercícios Espirituais data de 1548, foram escritos não para serem somente lidos, mas, exercitados por aqueles que almejam seguir o caminho de Jesus Cristo. "Discernimento dos espíritos e eleição (resposta da pessoa a ação de Deus), estas são as duas linhas de força que percorrem os Exercícios. Ai se conjugam estreitamente os esforços do homem para se libertar de suas paixões desordenadas e o amor de Deus que o purifica e o transforma." (LOYOLA, 1990:6). Os Exercícios Espirituais são divididos em quatro semanas: a primeira é dedicada à consideração e contemplação dos pecados; a segunda a contemplação da vida de Cristo até o dia de Ramos; a terceira a contemplação da Paixão de Cristo; e a quarta a sua Ressurreição e Ascensão. Porém, Santo Inácio, alerta que a semana pode estender-se por mais de sete dias ou ser mais breve, dependendo do tempo que cada exercitante leva para encontrar o que procura.

da capela, das sacristias e das demais dependências da Ordem, dentre outras obrigações, para as quais “...serão sempre os noviços os mais promptos observantes...”⁴ Ao final dessa etapa, participavam da solene cerimônia da Profissão, quando recebiam o hábito carmelita, deixando de ser Irmãos Noviços e sendo promovidos à condição de Professos. Essas diferenças dotavam as associações de uma grande empáfia, apelando para a sua condição de Ordens a fim de reivindicar a precedência em cerimônias, procissões e nos altares no interior dos templos.⁵

Enfim, pertencer a uma Ordem Terceira não era uma atitude simplesmente formal. Significava maior rigor no dever religioso, no envolvimento pessoal, na participação ativa, sob pena de exclusão daquela entidade.

As edificações dos templos carmelitas fazem parte da terceira etapa de desenvolvimento da arquitetura mineira de acordo com a cronologia proposta por Sylvio de Vasconcellos e por Affonso Ávila, iniciando o ciclo Rococó nessa região, com projetos arrojados que adotam e assimilam o novo gosto que foi implementado com características próprias dos artistas da região. Em todas as edificações carmelitas, os mais reconhecidos artistas e mestres da segunda metade do setecentos deixaram o seu legado, já que as poderosas Ordens Terceiras tinham cabedal para financiar essas empreitadas. Nelas trabalharam tanto Mestres portugueses quanto nacionais que empregavam mão-de-obra de aprendizes e de escravos.

Nas Minas, estabeleceram-se seis Ordens Terceiras do Carmo. Na cidade de Mariana, anteriormente Vila de Nossa Senhora do Carmo, essa associação foi erigida ainda na primeira metade do setecentos; na vizinha Vila Rica, os carmelitas também instituíram sua própria associação, com os seus Estatutos aprovados em 1755; na Comarca do Serro Frio, duas Ordens Carmelitanas foram erigidas - uma, no Arraial do Tejuco (Diamantina), fundada em 1758 e a outra constituiu-se na Vila do Príncipe (Serro) em 1761. Em São João Del Rei, as obras da Capela do Carmo foram iniciadas em 1733, antes mesmo que essa associação fosse elevada à condição de Ordem, o que aconteceu somente em 1754. E por fim, destacamos a Ordem Terceira do Carmo de Sabará que iniciou, em 1761, as suas funções no terceiro altar, do lado do Evangelho, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição daquela localidade.⁶ Já em 1767, após alguns anos de obras, os carmelitas sabarenses conseguiram inaugurar o seu próprio templo, com grande solenidade e festejos, com três dias de luminárias, o Santíssimo exposto, procissão solene, *Te-Deum* e sermões, bem de acordo com os sentimentos barrocos e com a mentalidade providencialista imperante.

“...determinarão que se fizesse a trasladação de nossa amabilissima Senhora do Monte do Carmo no dia sete de setembro do presente anno e que no dia 8 se lhe fizesse húa festa solemne de todo o dia, sendo pregador de manhã o Padre Mestre Francisco Luiz de Santa Quiteria, e de tarde o reverendo Padre Domingos Pinto Ferreira e que houvesse Santissimo exposto em todo o dia da festa, fazendo-se avizo ao Reverendo Vigario desta freguesia desta determinação, e que outrosim, se passassem editaes para todas as prezidias, avisando-se aos Irmãos delles o dia da festa, e trasladação, para se acharem presentes com seos habitos, a solemnizar tão grande função, todos aqueles, que por impedimento de molestia, ou ocupação grave, se não poderem izentar, escrevendo-se cartas aos prezidentes e vice commissarios, em que se convidem aos mesmos para tão bem assistirem a referida trasladação...”⁷

O Repertório Iconográfico Carmelita

A Ordem do Monte Carmelo reivindica as suas origens aos tempos bíblicos. Seu fundador, o profeta Elias, passou as regras da Ordem para o discípulo Eliseu, que as propagou por várias regiões e para seguidores, dentre eles São João Batista (precursor de Cristo), Santo André (Apóstolo), e até a Virgem Maria “... unida al carmelo por

⁴OTCS, Compromisso, Século XVIII, Cap.16. – Da obrigação dos Irmaons Noviços.

⁵Sobre as diferenças entre Irmandades e Ordens Terceiras cf.: CAMPOS, 2006.

⁶Sobre a História das Ordens Terceiras do Carmo e análise dos monumentos artísticos, cf.: BAZIN, 1983 e SOUZA, 1984.

⁷Termos, 1767. Copilado por PASSOS, 1940. p.103.

lazos misteriosos...” (SEBASTÍAN, 1989:240), expandindo a devoção. Devido a sua remota origem, os carmelitas sempre apresentam o critério da antiguidade como qualidade distintiva em relação às outras congregações. Segundo Niceto Perujo, a Ordem já existia no século XII e São Bertoldo havia sido o seu primeiro líder⁸. De Santo Alberto, patriarca de Jerusalém e quarto dirigente, os carmelitas receberam em 1209 uma rígida regra que lhes proibia possuir qualquer propriedade, consumir carnes e impunha jejuns e muitas privações. Essas leis foram aprovadas em 1224 pelo Papa Honório III. Quando das disputas entre cristãos e sarracenos, os religiosos emigraram da região do monte do Carmelo na Palestina, para a Itália e várias outras localidades da Europa.

Em 1247 algumas mudanças na Regra foram aprovadas pela Santa Sé tornando-a menos rígida, porém, muitos continuaram a seguir a primitiva austeridade. Em 1431, o Papa Eugênio IV consentiu o uso da carne três vezes por semana, autorizou a circulação pelos claustros do convento e por outros locais nos horários de descanso. Os que insistiam na regra primitiva foram chamados de observantes e os que optaram pelas reformas tomaram o nome de conventuais. Em 1562, uma grande reforma foi efetuada por Santa Teresa, auxiliada pelo padre Antônio de Jesus e São João da Cruz, sendo aprovada pelo Papa Pio VI⁹. Várias outras mudanças aconteceram sempre com objetivo de melhor organizar e dirigir aquela associação. A Ordem estendeu-se pelos impérios coloniais através da ação dos missionários.

Os carmelitas aportaram no Brasil em fins do século XVI e erigiram o seu primeiro convento em Olinda. Na Bahia, estabeleceram-se em 1586 e, no Rio de Janeiro, iniciaram as suas obras quatro anos mais tarde. A esses seguiu-se a criação de conventos em Santos (1595), São Paulo (1596), e Paraíba (fins do séc. XVI). Assim, no início do século XVII, a Ordem do Carmo no Brasil apresentava grande desenvolvimento contando já, neste período, com 99 religiosos. Construíram conventos em Angra dos Reis, Sergipe, Mogi das Cruzes, São Luís do Maranhão e Belém do Pará. No fim do século, o número de religiosos chegou a 186 e novos conventos foram implantados em Recife, Goiana, Vitória no Espírito Santo, São Cristovão e Rio Real. A Ordem do Carmo estendeu a sua ação, no século XVIII, principalmente ao norte do Brasil: Pará e Amazonas, onde contavam com 15 missões em 1720 e, cinco anos mais tarde, iniciaram trabalhos no vale do Rio Branco. As obras missionárias carmelitas apresentaram os primeiros sinais de declínio, no início dos oitocentos.¹⁰

Sabemos que, em toda a região das Minas, foi proibido o estabelecimento de Ordens conventuais, durante o período colonial. Assim, a atuação dos religiosos efetivou-se através da sua relação com devotos leigos da região em que se instituíram as Ordens Terceiras. Essa ação evangelizadora dos carmelitas deve ser contextualizada na realidade mais ampla da política colonial metropolitana.

“Para os monarcas portugueses, colonizar e evangelizar se colocavam em pé de igualdade, e muitas vezes se confundiam. Com frequência os colonizadores identificavam a cultura europeia e especificamente a cultura portuguesa, com o cristianismo. Cristianizar tornava-se sinônimo de aporuguesar.” (HOORNAERT, 1992:211)

Além disso, a Igreja, neste período, pautava-se pelos princípios estruturados durante a Contrarreforma. Para Santiago Sebastián, as ordens religiosas foram as grandes difusoras dessas ideias. Em suas edificações foi executada, através das artes figurativas, toda uma literatura doutrinária.¹¹ O Barroco foi o estilo cultural e artístico que conseguiu traduzir a mentalidade daquele período. Entretanto, devemos ter em mente que o Barroco não foi criado de maneira artificial, com objetivo determinado, mas foi um estilo de cultura que se desenvolveu a partir dos sentimentos contraditórios do homem Moderno.

⁸Sobre a origem dos carmelitas, conferir: PERUJO & ANGULO, et alii., 1890. (10 Tomos)

⁹A mística Santa Teresa nasceu em 1515, na cidade de Ávila. Em seu livro Castelo Interior ou Moradas, propõe uma viagem pelos caminhos do interior da alma. O percurso dessa viagem compõe-se de sete Moradas, sendo a última, a mais interior, um camarim real onde habita Deus. É a grande descoberta que Santa Teresa procura divulgar nessa obra: a existência de Deus, no interior de cada um. As moradas são alcançadas através da oração. A alma, nesse processo, sofre uma metamorfose como, segundo Santa Teresa, o bicho da seda que se transforma em borboleta. “A alma - figurada pelo bicho da seda - vai cobrando vida, quando, com o calor do Espírito Santo, começa a beneficiar-se do auxílio geral que Deus concede a todos, valendo-se dos meios confiados por Sua Majestade à Igreja, tais como a confissão frequente, as boas leituras e os sermões. São esses os remédios para uma alma que está morta em seus descuidos, no pecado[...]Principia a viver, sustentando-se com esses mantimentos e com proveitosas meditações, até a chegar a crescer. Esse final é que vem a meu propósito...” (JESUS, 1981:108)

¹⁰Sobre os carmelitas no Brasil, consultar: PRAT, 1942 (volume 2) e HOORNAERT, Et alii., 1992. (Tomo II/1)

¹¹SEBASTÍAN, 1989.

Os artistas que trabalharam para as Ordens conventuais no Brasil, assim como para as associações leigas religiosas mineiras, eram obrigados a seguir rígido repertório iconográfico, elaborado por suas matrizes europeias.¹² Por isso, em todas as edificações, são abordados sempre os mesmos temas, variando apenas as características artísticas próprias de cada executor. Dessa maneira, o artista precisava dominar um padrão iconográfico, ter acesso ao tema ou ser orientado na escolha do que seria retratado, das cores que deveria usar, dos atributos dos santos e de toda uma linguagem simbólica. O talento e a criatividade do artista, expressavam-se mais em sua habilidade, nas inovações técnicas e no traçado particular, do que na criação de novas cenas e representações. As fontes iconográficas utilizadas por eles eram, principalmente, extraídas da Bíblia e de uma vasta bibliografia hagiológica existente e de grande circulação na capitania de Minas Gerais, durante o período colonial, como a Lenda Dourada, os *Flos Sanctorum*, dentre outras fontes¹³. Tudo isso era de suma importância para o reconhecimento do tema tratado para os devotos, pois a maioria deles não sabia ler, assumindo a arte uma grande função pedagógica.

Huizinga, em seu clássico trabalho *O Declínio da Idade Média*, destaca que, desde o final do período medieval, dois fatores dominaram a vida religiosa: a extrema tensão da atmosfera religiosa e a tendência do pensamento a representar-se em imagens. O espírito medieval necessitava concretizar todas as concepções religiosas, pois os conceitos sagrados corriam o perigo de se tornarem mera exteriorização. Assim, o pensamento assumiu uma forma figurada definitiva, perdendo as suas qualidades etéreas – o pensamento religioso tornou-se apto a cristalizar-se em imagens.¹⁴

As imagens dos santos passam a ser adoradas, em lugar de Deus. A Igreja tem a necessidade de advertir sobre a existência de distinções qualitativas entre os diferentes elementos da religião. Dessa forma, devem-se venerar os santos e só adorar a Deus.

Entretanto, os santos exerciam grande poder de fascínio: suas representações possuíam nítidos contornos e atributos conhecidos. A veneração estava tão intimamente relacionada às formas e às cores de suas imagens, que o aspecto estético ameaçava o elemento religioso. Na imaginação popular, os santos viviam e eram como deuses. A Reforma atacou o culto aos santos, a Contrarreforma o reafirmou, disciplinando-o e limitando os aspectos extravagantes, fruto da imaginação popular.

Analisando as obras executadas no templo carmelita de Vila Real de Sabará, podemos perceber, apenas nessa edificação, a enorme quantidade de oragos que se estabeleceram na Capitania das Minas Gerais, durante o século XVIII. Vemos tratados todos os principais temas recorrentes a essa ordem, além de outras passagens religiosas caras à mentalidade do período. Logo na entrada, embaixo do Coro, na parte central do forro do *nártex*, estão representadas as três Virtudes Teológicas: a Fé, com seus atributos, que são a cruz e o cálice; a Esperança, com a âncora que simboliza o apoio nas dificuldades da vida e a Caridade, cercada de crianças que significam a espontaneidade, a inocência e a pureza. Essas figuras estão ladeadas por dois personagens centrais do Antigo testamento: Aarão e Moisés.

No forro da nave foram pintados pelo artista Joaquim Gonçalves da Rocha, no período de 1813/18, vários santos relacionados com a fundação e a história dessa congregação: S. Telesforo, Papa e Mártir (136-178), S. Dionísio, Papa e Confessor da Ordem (200-272), S. Geraldo Bispo (986-1047), S. Serapião R. C., Bispo e Confessor, os profetas S. Ozias, S. Zacarias, S. Amos M. e S. Abdias, as religiosas S. Maria F. G., S. Leocádia V. M., S. Isabel R. D. e S. Tecla V. M. Na parte central, está retratada a visão do rapto de Santo Elias (fundador da Ordem) levado ao céu por um carro de fogo, jogando o manto para seu discípulo, o profeta Eliseu.¹⁵

¹² "Iconografia é o ramo da História da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma" (PANOFVSKY, 1976:47)

¹³ SARMENTO, 1859. VORÁGINE, 1995.

¹⁴ HUIZINGA, s/d.

¹⁵ Sobre a vida dos santos carmelitas, Bula Sabatina e outros Temas carmelitanos consultar: HIKSPOORS, et alii., 1930 e SARMENTO, 1859. 3a Ed.

Acima do arco-cruzeiro o artista representou, na parte central, Nossa Senhora do Monte Carmelo entregando a Bula Sabatina (*Sacratissimo uti culmine*) ao Papa João XXII, cena observada por um anjo ajoelhado do lado oposto. Coroando a pintura, a tarja *Gloria Libani data Ester de Cor Carmeli et.*¹⁶ A Bula Sabatina foi concedida pelo Papa em 1322, quando revelou que a Virgem, em aparição, lhe prometera retirar do Purgatório as almas de todos os devotos que em vida tivessem pertencido à Ordem do Carmo ou à Confraria do Santo Escapulário do Carmo. Essa regalia ficou conhecida como o *Privilégio Sabatino* e foi propagada por todo o ocidente, pelos carmelitas.¹⁷

“Estando eu pois de joelhos orando a mesma **Virgem**, ela me apareceu **vestida em habito carmelita**, e me disse desta maneira: ó João, ó João destinado vigário de meu amado filho [...] e com meus rogos alcançei graciosamente de meu doce filho fazer-te Papa, [...] tu serás obrigado a conceder huã graça mui ampla, ou a confirmação dela á minha santa, e devota ordem dos carmelitas [...] todo aquele, que entrar na dita ordem, ou nela professar a Regra [...] e guardar perfeitamente, perseverando em santa obediencia, pobreza, e castidade, se salvará. E se os outros por sua devoção se incorporarem na dita ordem, e guardando continencia, cada hum conforme seu estado, ou seja no da viuvez, ou no de solteiros, ou no de casados, segundo ordena a Santa Madre Igreja aos ditos confrades no dia que entrarem na dita Irmandade, lhes será perdoada a terceira parte de seus pecados, e aos religiosos professos da dita Ordem na hora da morte lhes será consedida Indulgência plenária de toda a culpa e pena; e assim eles, como os ditos confrades, se depois de passarem desta vida, forem ao purgatório eu decerei a ele no **primeiro sabado depois de sua morte**, e como mai piedosa livrarei de suas penas a todos que ali estiverem, e os levarei comigo ao monte santo da vida eterna; mas para os ditos confrades, gozarem desta graça, serão obrigados a rezar todos os dias as horas canonicas segundo a Regra de Alberto, e os que não souberem rezar, jejuarão os dias que manda a Santa Madre Igreja [...] e não comerão carne nas quartas-feiras, e sábados, se não em caso, que a festa de nascimento de meu filho cahir em alguns dos ditos dias. E dito isto, desapareceu esta santa visão...”¹⁸ (grifo nosso)

De acordo com os estudos de Flávio Gonçalves, as origens do *Privilégio Sabatino*, crença muito popular em Portugal desde os tempos medievais, estão relacionadas à “...um movimento proteccionista que a Igreja Romana levava então a cabo em relação aos religiosos do Carmo” (GONÇALVES, 1963). Em meados do século XIII, o carmelita inglês São Simão Stock fundou a Confraria do Santo Escapulário do Carmo depois que a Virgem, em uma aparição em 16 de Julho de 1251 (dia em que se homenageia Nossa Senhora do Carmo), entregou-lhe o escapulário, dizendo: “Recebe o escapulário de tua Ordem, signal de minha confraternidade, privilégio para ti e para todos os carmelitas; o que morrer com elle, não padecerá no fogo eterno. Elle é signal de salvação, protecção nos perigos, symbolo de paz e pacto sempiterno.”¹⁹

Assim, o escapulário tornou-se símbolo distintivo da Ordem Carmelitana.

Na pintura do forro da capela mor, foi executada a cena na parte central, retratando Nossa Senhora do Carmo com o menino Jesus ao colo, cercada de anjos e, junto a ela, ajoelhado, São Simão Stock recebendo o escapulário. Do outro lado, um anjo intercessor retirando do purgatório, almas que ardiam em chamas.²⁰ Ao redor dessa visão foram representados santos fundadores da Ordem: Santo Alberto Patriarca (1150-1214), Santo André Corsino Bispo e Confessor (1302-1373), São Eduardo R. de J. e São Luis R. de F. Esses santos aparecem ladeados por anjos, carregando cada um deles, um símbolo: uma torre, uma rosa, o sol, uma meia lua, uma porta, uma casa, uma estrela e um lírio. Encimando a pintura, a tarja *Mater de cor carmell.*²¹

16 “A glória do Líbano (foi) dada a Ester do coração do Carmelo (e).” Agradecemos ao Padre Elias Leoni, do Seminário de Mariana, pela tradução de todas as citações em latim deste artigo.

17 Segundo Jacques Le Goff, as descrições de Visões pertencem a um gênero narrativo florescente no período medieval, especialmente nos meios monásticos. Sobre esse assunto cf.: LE GOFF, 1994. E sobre a criação do purgatório e sua confirmação dogmática no século XII, cf. o clássico deste mesmo autor: LE GOFF, 1995.

18 AOTCS – Termos, 1761, f.145v-146v. Transcrito do livro Tesouro Carmelitano pelo secretário da Ordem Antônio Francisco de Souza Gandra em 1848.

19 Carta de São Simão Stock ao receber o Santo Escapulário. In: HIKSPOORS, 1930, p.147.

20 Luiz Jardim em seu estudo A Pintura Decorativa em Algumas Igrejas Antigas de Minas, publicado pela Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 3, de 1939, cometeu um equívoco em sua análise iconográfica, acreditando ser Santo Eliseu representado ao lado de Nossa Senhora do Carmo.

21 “Mãe do coração do Carmelo”

A existência do purgatório na topografia do Além foi confirmada pelo Concílio tridentino, que estimulou as suas representações sem explicitar, contudo, as penas sofridas pelas almas de que eram a ele encaminhadas. Porém, normalmente, a iconografia do seiscentos e do setecentos aponta as mesmas maneiras de purgação dos pecados, anteriormente apresentadas na obra de Dante Alighieri. Em Portugal, as representações mostram a purificação através da pena material do fogo (elemento ambíguo que pune e, ao mesmo tempo, purifica e immortaliza), sendo causadora de grande sofrimento e sede extrema, e da consideração sobre o pecado, que leva à privação da visão de Deus, das súplicas e das preces.²²

O Privilégio Sabatino confirmou a devoção ao Escapulário “...que além de livrar das penas eternas, passava a livrar igualmente do purgatório” (GONÇALVES, 1963:2). Essa indulgência concedida aos carmelitas foi revitalizada durante a Contrarreforma, que combatia as heresias protestantes como a negação da existência do purgatório. “O Privilégio Sabatino serve de poderosa arma para a catequização dos fiéis e os Papas Pio V (1566), Gregório XIII (1576), Paulo V (1613), Clemente X (1673), etc. confirmam as regalias anunciadas por João XXII” (GONÇALVES, 1963:3). Muitas autoridades, como Reis, Papas, Cardeais, receberam o Escapulário.²³

Nas paredes laterais da Capela Mor, foram representados os Dez Mandamentos em pintura totalmente azul fingindo azulejos, solução bem mais econômica que transportar esse tipo de material do litoral, como fez a congênera de Vila Rica. Além das cenas ilustrativas das passagens, foram escritos em latim todos os Dez Mandamentos.

No altar-mor, temos as seguintes invocações: entronizada a imagem da Virgem do Carmo, do século XIX, esculpida em madeira, procedente da Espanha. Porém, a imagem que ocupava o altar mor originalmente e que consta no Inventário de Alfaias, encontra-se, hoje em exposição na sacristia. “1 imagem de Nossa Senhora do Carmo de roca de sete palmos de altura com sua coroa de prata [...] 1 imagem do Menino Deus que a mesma Senhora tem nos braços, com sua coroa de Prata...”. Do lado esquerdo, “1 dita de S. Elias de 6 1/2 palmos de altura com resplendor e espada de pau prateada...”, e do lado direito “1 dita de Santa Tereza de roca de 6 1/2 palmos de altura com resplendor, e penna de prata...”. A pena era símbolo distintivo dos escritores e letrados, e essa Santa foi a autora da grande reforma das Regras carmelitas. As imagens são vestidas com o hábito marrom, característico da Ordem. As imagens de roca são muito dispendiosas já que, geralmente, possuem várias roupas que são trocadas de acordo com a necessidade, como por exemplo “1 túnica, escapulário e capa bordadas que servem a Nossa Senhora nas ocasiões de festa...”, têm perucas de cabelos naturais (muitas vezes doados pelas devotas em recompensa a alguma graça alcançada) que precisam ser penteadas, “...2 toucas de Santa Tereza: hua servindo outra guardada...”, usam joias, como brincos, etc. Mas tanto trabalho e gastos eram compensados pelo resultado muito realista e dramático e que impressionava os fiéis.²⁴

No altar lateral do Evangelho, no trono, está São Simão Stock, e no altar fronteiro, São João da Cruz “...2 ditas nos altares colaterais, [...] cada hua de 6 1/2 palmos de altura, com resplendor de pau prateados...”²⁵ As duas imagens são de autoria comprovada de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Nos nichos laterais, encontramos as imagens de Santa Luzia, de Santana e de Santa Apolônia. No outro, as de Santo Antônio de Pádua, São Francisco de Paula e Nossa Senhora da Conceição. Essa última consta no Inventário das Alfaias de 1836, “1 imagem de Nossa Senhora da Conceição, que está em hum dos nichos do Altar do Lado da epístola, que foi dada a Ordem pelo nosso bom Irmão Custódio Dias de Magalhães”²⁶. As imagens de Santana e de São Francisco de Paula foram doadas aos terceiros, já na segunda metade do século XIX, “...Dádiva de 2 imagens, uma de Santa Ana,

²²Sobre este assunto cf.: CAMPOS, 1994

²³À primeira vista, a Bula Sabatina pode induzir o leitor a acreditar que eram liberadas aos carmelitas todas as mundanidades da época. Porém, deve-se atentar para o fato de que eram as rígidas Regras, impostas pela Ordem Terceira do Carmo, que deveriam nortear a conduta moral dos Irmãos.

²⁴AOTCS, Inventário de Alfaias, 1836. Sobre as imagens de roca cf.: QUITES, 1997.

²⁵AOTCS, Inventário de Alfaias, 1836.

²⁶AOTCS, Inventário de Alfaias, 1836.

outra de S. Franco da Paula, aquela com resplendor e coroa de prata, e esta com resplendor, cruz e cajado também de prata – ao todo 88 oitavas de prata...²⁷

Nos púlpitos, obra também de autoria de Antônio Francisco Lisboa, foram representados os evangelistas, ao lado de seus símbolos distintivos: no da esquerda, São João (águia) e São Mateus (anjo), na parte central, a passagem bíblica do Cristo com a samaritana “*Venit Mulier De Samaria Aurire Aquam Dicit Ei Jesus: Da Mihi Bibire - Joan Cp.4 vs. 7*”.²⁸ No outro, São Lucas (boi) e São Marcos (leão) e, no centro, a passagem do Evangelho “*Ubi Enim Tezaurus Veste Est, ibi est cor vestrum - Luc Cp.12 vs.*”²⁹

A capela do Carmo de Sabará, apesar de ser tombada como monumento artístico e cultural nacional e estadual e de ser visitada constantemente por turistas por seu rico acervo, continua sendo, antes de tudo, um monumento sagrado onde ocorrem funções religiosas, diariamente. O cuidado dos responsáveis pela edificação e/ou membros da Ordem Terceira do Carmo, não se restringe ao seu aspecto puramente artístico, mas também, ao religioso e devocional. Através desse artigo procuramos chamar a atenção para alguns aspectos importantes da sua História e revelar um pouco do cotidiano da época através das manifestações religiosas, artísticas e culturais.

Referências Bibliográficas:

- ANGELO, Rosana de Figueiredo. *A Venerável Ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Sabará: Pompa Barroca, Manifestações artísticas e as cerimônias da Semana Santa (Século XVIII a meados do século XIX)*. Belo Horizonte: Deptº de História/FA-FICH/UFMG, 1999 (Dissertação de Mestrado-Mimeo)
- ÁVILA, Affonso. Igrejas e Capelas de Sabará. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, nº8, 1976.
- ÁVILA. Affonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. 2ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- ÁVILA. Affonso. *Iniciação ao Barroco Mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984.
- BAZIN, Germain. *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.
- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. São Paulo: Depto de História / FFLCH / USP, 1994. (Tese de Doutorado – Mimeo).
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao Barroco Mineiro*. BH: Crisálida, 2006.
- GONÇALVES, Flávio. O “Privilegio Sabatino” na Arte Alentejana. In: Separata de *A Cidade de Évora*. 45-46, 1963. p.1-12.
- HIKSPHOORS, Frei Pedro-Thomaz et alii. *Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*. Rhenania: Typographia de Butzon & Bercker, 1930.
- HOORNAERT, Eduardo (coord.). *História Geral da Igreja na América Latina. História da Igreja no Brasil Primeira Época*. Petrópolis: Vozes, 1992. Tomo II/1.
- HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisséia, s/d.
- JARDIM, Luís. A Pintura Decorativa em algumas Igrejas Antigas de Minas. *Revista do SPHAN – Ministério da Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, nº3, 1939.
- JESUS, Santa Teresa de. *Castelo Interior ou Moradas*. 5ªed. São Paulo: Ed. Paulus, 1981.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. 2ªed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- LOYOLA, Santo Inácio. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- PANOFVSKY, E. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

²⁷AOTCS, 2º Livro de Termos, f.41r, 21/11/1858.

PASSOS, Zoroastro Vianna. Em Torno da História de Sabará: a Ordem Terceira do Carmo e a sua Igreja, Obras do Aleijadinho no Templo. Rio de Janeiro: Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

PASSOS, Zoroastro Vianna. Em Torno da História de Sabará. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942.

PERUJO, Niceto Alonso & ANGULO, D. Juan Perez et alii. Dicionário de Ciências Eclesiásticas. Barcelona: Liberia Subirana Hermanos Editores, 1890. (10 tomos)

PRAT, Fr. André. O. Carm. Notas Históricas sobre as Missões Carmelitanas no Extremo Norte do Brasil. Século XVII e XVIII. Recife: S. Editora, 1942. vol. 2

QUITES, Maria Regina Emery. A Imaginária Processional na Semana Santa em Minas Gerais: estudo realizado nas cidades de Santa Bárbara, Santa Luzia e Sabará. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes/UFMG-CECOR, 1997. (Dissertação de Mestrado-Mimeo)

SARMENTO, Frei Francisco de Jesus Maria. Flos Sanctorum ou Santuário Doutrinal. 3ªed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Siencias, 1859.

SEBASTÍAN, Santiago. Contrarreforma y Barroco. Madrid: Ed. Alianza Forma, 1989.

SOUZA, Wladimir Alves de (Coord.). Guia dos Bens Tombados – Minas Gerais. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1984.

VASCONCELLOS, Sylvio de. A Arquitetura Colonial Mineira. Revista Barroco, Belo Horizonte, n°10, p.7-26, 1978/79.

VORÁGINE, Santiago de la. La Leyenda Dorada. Madrid: Alianza Editorial, 1995.